



Desenvolvimento de capacidades em África: os rostos por trás dos números



[Carla Grasso](#)

7 de abril de 2016

Se há uma coisa com a qual todos os economistas concordam, ela é a importância dos números. Na falta de dados de qualidade, é difícil avaliar o desempenho de uma economia e formular políticas inteligentes que ajudem a melhorar vidas.

Em pouco mais de 20 anos, Moçambique, na África austral, evoluiu de uma situação de completa ausência de contas nacionais ou de um índice de preços no consumidor, até à criação de um dos principais órgãos estatísticos na África Subsariana.

Na minha recente visita a África, vi pessoalmente os avanços do país na recolha de dados. Foi minha primeira viagem ao continente como representante oficial do FMI. Conheci Isaltina Lucas, então Presidente do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (e hoje Vice-Ministra de Economia e Finanças), que me relatou os impressionantes avanços do governo na compilação das principais estatísticas económicas, graças, em parte, ao FMI.

Ao longo da minha visita de 10 dias, no início de março, vi muitos outros exemplos de como a assistência técnica e a formação do FMI — que, juntas, formam o que chamamos de “[desenvolvimento de capacidades](#)” — está a ajudar as autoridades na África Subsariana a assumir o controlo do seu próprio futuro económico.

Servir-se da experiência dos pares

Na Tanzânia, por exemplo, observei um [workshop](#), organizado em conjunto pelo FMI e o banco central, em que autoridades de toda a região discutiram as experiências dos seus países no alargamento do acesso ao financiamento e trocaram impressões sobre como lidar com as vulnerabilidades financeiras que estão a surgir em consequência. Muitos participantes realçaram a importância desse tipo de intercâmbio de experiências — conhecido como “aprendizagem entre pares” — na formação de capacidades.

Estamos a ouvir cada vez mais que a troca de conhecimentos fora dos cursos formais é importante para o desenvolvimento das capacidades. Assim, temos estado a explorar maneiras de cultivar o aprendizado e o apoio entre pares, em pessoa ou à distância. Por meio destas plataformas, as autoridades que enfrentam desafios semelhantes podem não apenas aprender com os outros, mas também definir objetivos de política comuns.

Tais esforços começam a dar frutos. Tomemos como exemplo o Senegal, que está a tirar proveito da aprendizagem entre pares para implementar a sua nova estratégia de

desenvolvimento com o objetivo de tornar-se uma economia de mercado emergente nas próximas duas décadas. O país está a beneficiar da experiência de autoridades de Cabo Verde, Maurícias e Seicheles para introduzir números de identificação tributária, criar serviços de informação de crédito e desenvolver o turismo e zonas económicas especiais.

Aprendizado prático

Também vi como o desenvolvimento das capacidades é parte integrante do nosso constante diálogo com os países membros. Quando o FMI faz certas recomendações na sua monitorização regular das economias, não basta apenas prestarmos aconselhamento em matéria de políticas ou entregarmos um relatório técnico; precisamos de trabalhar lado a lado com as autoridades para fornecer-lhes as ferramentas práticas para implementar tal aconselhamento.

As nossas equipas responsáveis pelos países e os especialistas na área das finanças públicas trabalham em estreita cooperação, por exemplo, ao prestar aconselhamento sobre como alargar a base de incidência ou aumentar a produtividade dos gastos. E estamos a reforçar os nossos sistemas de gestão do conhecimento para assegurar que as competências técnicas dos especialistas sejam facilmente partilhadas por todo o FMI.

O desenvolvimento de capacidades não segue a mesma fórmula em todos os lugares; ele precisa de ser adaptado às necessidades dos países e integrado às suas estratégias de desenvolvimento. Em África, assim como noutras partes do mundo, o nosso trabalho de desenvolvimento das capacidades assenta na realidade económica de cada país, o que é mais fácil quando o FMI está presente no terreno por intermédio dos [centros regionais](#).

Por exemplo, no nosso [Instituto de Formação para África](#), nas Maurícias, participei de uma conferência regional sobre a futura integração monetária em África, um tópico muito pertinente, pois a região planeia aprofundar tal integração, inclusive com a criação de uma união monetária na [África Oriental](#).

Além de ser adaptado às circunstâncias nacionais, o desenvolvimento de capacidades também precisa de acompanhar a evolução da conjuntura económica mundial. Em 2014, o FMI foi um dos patrocinadores de uma importante conferência em [Moçambique](#) sobre o tema “[África em Ascensão](#)”. Reconhecemos à época que, embora muitos países africanos tenham sido abençoados com recursos naturais, essa bênção pode tornar-se uma maldição. Assim, trabalhamos com os governos para começar a montar quadros orçamentais sólidos para gerir as receitas dos recursos em benefício das gerações presentes e futuras.

Passados dois anos, as autoridades que encontro hoje percebem que urge contar com quadros orçamentais mais sólidos à medida que enfrentam os efeitos da queda dos preços do petróleo e de outras matérias-primas, algo que poucos conseguiram prever. Isto realça a necessidade de os países acumularem reservas e desenvolverem a capacidade — nos períodos de prosperidade e de dificuldade — para responder a possíveis choques.

O FMI continuará a trabalhar em estreita cooperação não apenas com os países beneficiários, mas também com os muitos parceiros em todo o mundo cuja assistência financeira nos permite prestar aconselhamento virado para o desenvolvimento das capacidades.

As pessoas por trás dos números

Ao refletir sobre a minha primeira viagem a África como representante do FMI, uma coisa que não me sai da cabeça são os rostos das pessoas.

Na [Tanzânia](#), visitei o orfanato Watoto Wetu (que significa “Nossas crianças” em suaíli). Quando cheguei, as crianças estavam a cantar uma música que haviam preparado para mim. Após todas as reuniões, discutindo opções complexas de política económica com as autoridades, esta foi uma boa recordação do verdadeiro objetivo do nosso trabalho. O que queremos para aquelas crianças é uma vida melhor, um futuro melhor — e o desenvolvimento das capacidades pode ajudar-nos a chegar lá.



(Foto: Jackson Shelutete)

Carla Grasso assumiu o cargo de Subdiretora-Geral e Diretora Administrativa do FMI em 2 de fevereiro de 2015. Ela tem dupla cidadania brasileira e italiana.

Na sua nova função no FMI, a Sra. Grasso supervisiona todas as tarefas administrativas do FMI, coordena as áreas de orçamento, recursos humanos, tecnologia, serviços gerais e auditoria interna, a fim de assegurar a gestão eficiente, eficaz e completa dessas funções essenciais para a eficácia global do FMI. Supervisiona também as atividades do FMI nas áreas de desenvolvimento de capacidades e formação.

Antes de ingressar no FMI, trabalhou 14 anos na Vale S.A., uma das maiores empresas de mineração do mundo, onde foi Vice-Presidente de Recursos Humanos e Serviços Corporativos entre 2001 e 2011. Durante este período, liderou os esforços de modernização da empresa — que atua em 38 países e

emprega 138 mil pessoas — nas áreas de recursos humanos, tecnologia, concursos públicos, comunicações e saúde e segurança.

Antes de trabalhar na Vale S.A., foi Secretária de Previdência Complementar entre 1994 e 1997 e ocupou diversas posições de aconselhamento e coordenação nos ministérios da Previdência, Fazenda e Planejamento, bem como no Gabinete da Presidência da República do Brasil. Participou, entre outras coisas, da criação e proposta de uma reforma do sistema de previdência social e de uma avaliação das necessidades de financiamento do setor público no Brasil, com atenção para as áreas orçamental e fiscal.

A Sra. Grasso tem mestrado em Política Económica pela Universidade de Brasília e foi Professora de Economia Internacional e Economia Monetária da Pontifícia Universidade Católica de Brasília e Professora de Matemática Económica do Centro Universitário do Distrito Federal. Em 2014, atuou como Professora de Educação Executiva no Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa) em São Paulo.